

Nietzsche e o trágico, uma Filosofia anti-socrática

Felipe dos Santos Faria³⁶**Palavras-Chave:** Nietzsche. Tragédia. Apolíneo. Dionisíaco. Sócrates.

O objetivo deste artigo é analisar as concepções de Nietzsche acerca do trágico apresentadas no seu texto *O Nascimento da Tragédia* e sua conclusão de que Sócrates é o idealizador principal do assassinato do trágico.

Em 15 de outubro de 1844 nascia Friedrich Wilhelm Nietzsche em Röcken na Saxônia. Autor conhecido por obras como “Assim falava Zaratustra” e “O Anticristo”, o autor publica em 1872 sua primeira obra chamada *O Nascimento da Tragédia*, que consegue ampliar os horizontes de pensar a Filosofia, penetrando em temas como literatura, poesia e artes de modo geral. A obra é dedicada ao seu então amigo Richard Wagner, o qual tinha um carinho imenso. É nessa primeira obra do autor que esse carinho por Wagner fica evidente, quando Nietzsche apresenta um primeiro capítulo chamado “O nascimento da tragédia a partir do espírito da música prefácio para Richard Wagner”. O filósofo nos apresenta um pouco da sua estética mais essencial, que articula-se com as culturas de antigos povos, principalmente dos gregos, na figura de dois deuses, Apolo e Dionísio. Esses dois deuses são compreendidos pelo filósofo como concepções estéticas, são eles quem determinam, em suas junções e contradições, o desenvolver das artes. Nesse sentido, Apolo é o deus da forma, racionalidade e ordem. Dionísio expressa o espírito da vontade de viver de forma espontânea, embriagada e desmedida. O segundo assume papel fundamental na filosofia de Nietzsche, pois Dionísio é o pai da música não figurada, o que explicita a importância que a música tem na tragédia grega, exclusivamente o coro trágico. Esses “impulsos”, geralmente vivem em discórdia, mas para que haja um ideal trágico, é necessário que eles entrem em conformidade. Para Roberto Machado em seu livro intitulado *O Nascimento do Trágico, de Schiller a Nietzsche*:

Essa “união conjugal”, essa “aliança fraterna” do dionisíaco e do apolíneo pode ser compreendida de modo mais explícito pelo estudo dos elementos constitutivos da tragédia: por um lado, a música, por outro, a cena e a palavra. (Roberto Machado, 2006, P:263)

Nesse sentido, pôr Dionísio e Apolo em consonância proporciona o nascimento da tragédia. Para tornar mais claro, cito Nietzsche:

36 Graduando no curso de Filosofia, pela Universidade Federal de Sergipe.

A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico [Bildner], a apolínea, e a arte não-figurada [unbildlichen] da música, a de Dionísio: ambos os impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum "arte" lançava apenas aparentemente a ponte; até que, por fim, através de um miraculoso ato metafísico da "vontade" helênica, apareceram emparelhados um com o outro, e nesse emparelhamento tanto a obra de arte dionisíaca quanto a apolínea geraram a tragédia ática. (Nietzsche, 1992, P:27)

A tragédia é caracterizada entre essas duas forças, uma fortalecendo a outra, tendo como base a sabedoria mítica, uma espécie de junção entre poesia e “louvor” dionisíaco, este “louvor dionisíaco” pode nos aproximar do drama trágico. A destruição de uma dessas duas forças, destruiria a tragédia, que traz consigo uma obrigação de conformidade entre os impulsos. A figura dionisíaca adiciona o coro o papel fundamental na arte ática, por isso, segundo o próprio filósofo:

Essa tradição nos diz com inteira nitidez que a tragédia surgiu do coro que originariamente ela era só coro e trágico nada mais que coro; daí nos vem a obrigação de ver esse drama trágico como verdadeiro protodrama no âmago, sem nos deixarmos contentar de modo algum com as frases retóricas correntes, que ele, o coro, é o espectador ideal ou que deve representar o povo em face da região principesca da cena. (Nietzsche, 1992, P:52)

O coro se apresenta como uma força contra a realidade, pois só podemos encontra-lo dentro do mundo como força natural, uma ideia de “consolo metafísico”. Esse consolo metafísico, conseguiu recuperar a essência da verdadeira tragédia, mostrando que a vida, por mais que seja mudada nas aparências fenomênicas, é muito poderosa. Então se a tragédia é uma condição dionisíaca que proporciona um sentimento de felicidade trágica, o consolo metafísico trouxe à vivência grega um conforto para seu sofrimento. Para isso, Nietzsche nos apresenta definições importante sobre o consolo metafísico:

O consolo metafísico - com que, como já indiquei aqui, toda a verdadeira tragédia nos deixa - de que a vida, no fundo das coisas, apesar de toda a mudança das aparências fenomenais, é indestrutivelmente poderosa e cheia de alegria, esse consolo aparece com nitidez corpórea como coro satírico, como coro de seres naturais, que vivem, por assim dizer indestrutíveis, por trás de toda civilização, e que, a despeito de toda mudança de gerações e das vicissitudes da história dos povos, permanecem perenemente os mesmos. (Nietzsche, 1992, P:55)

Sabemos então, que essa expressão do simbolismo do coro, que apresenta a coisa em si e o fenômeno, é feita pela concepção dionisíaca no que concerne a coisa, apresentação da verdade e a natureza em sua força máxima. Enquanto a tragédia, com seu consolo metafísico, apresenta-se para a vida, de acordo com a sua existência. Essa ponte constante entre Dionísio e o coro trágico nos revela algo, que o coro além de ser expresso pelas as expressões dionisíacas, apresenta a mais alta contemplação da natureza e sua típica sabedoria. Diante disso, Dionísio ganha contornos de herói épico para Nietzsche, pois consegue conceder ao coro a representação da voz da multidão, levando para o palco a relação entre a música e a palavra. Entretanto, ao tratar de forma contrária sobre a tragédia, Sócrates iniciaria de forma espontânea um assassinato a esse ideal trágico segundo Nietzsche. Esse assassinato da tragédia pelo pensamento socrático se dá pelo culto da razão, abafando os instintos humanos, de modo que isso abrisse caminho para uma moral muito criticada pela concepção nietzschiana. Tais concepções socráticas sobre o trágico, foram apresentadas por Eurípides, poeta trágico, que concebia uma nova forma de relação da arte com o público, uma vez que o poeta acreditava que esse mesmo público precisava ter determinadas noções para entender a arte. Essa postura o leva a um seleto grupo de pensadores, que defende uma arte mais conscientizada e diminui de forma gradativa as concepções dionisíacas como forças naturais. Ao resistir a Dionísio, o poeta recai sobre um erro, que além de complicado, impossível de ser resolvido. Nietzsche relata que ao perceber seu erro, Eurípides tenta se impor, mas sem êxito, segundo o filósofo:

Isso nos diz o poeta, que resistiu a Dionísio, com força heroica, durante uma longa vida - para ao fim dela concluir a sua carreira por uma glorificação do adversário e em uma espécie de suicídio, como alguém que, sentindo tonturas, só para escapar da terrível e não mais suportável vertigem, se atirasse do alto de uma torre. Essa tragédia é um protesto contra a exequibilidade de sua tendência; mas, infelizmente, ela já havia sido realizada! O maravilhoso aconteceu: quando o poeta se retratou, a sua tendência já tinha triunfado. Dionísio já havia sido afugentado do palco trágico e o fora através de um poder demoníaco que falava pela boca de Eurípides. Também Eurípides foi, em certo sentido, apenas máscara: a divindade, que falava por sua boca, não era Dionísio, tampouco Apolo, porém um demônio de recentíssimo nascimento, chamado Sócrates. (Nietzsche, 1992, P:79)

Para Nietzsche então, o filósofo grego seria o responsável por inverter os valores do mundo helênico e assim ocultar o que é mais importante para a concepção nietzschiana, que é essa ideia de regresso as experiências originárias que só os gregos do período trágico conseguiram. A utilização socrática da dialética foi facilmente definida como “daimon

socrático”, uma espécie de gênio ou experiência invisível que teria a missão de medir e reger as relações dos homens, não os deixando perder a clareza de sua perspectiva racional e não deixar serem sempre expostos aos desejos que podem os apanhar. Nesse sentido, Sócrates substitui o instinto, elemento importante na tragédia grega, pelo daimon que é o elemento mais fundamental na perspectiva socrática. Na medida que supervalorizamos a dialética, Dionísio, o deus da embriaguez, das orgias e dos desconhecimentos da razão, bem como o conjunto de suas forças com o deus Apolo, acabaria deixando de existir. Isso eleva Sócrates ao primeiro assassino da tragédia grega, uma vez que se não temos a representação da tragédia expressa pelo dionisiaco, não temos um ideal trágico.

Portanto, ao tratar sobre um ideal trágico, Nietzsche recupera deuses como Apolo e Dionísio, que quando conciliados, representam o ápice da cultura helênica. Enquanto um é a representação da mais singela racionalidade, da beleza e que mais aproxima o homem da sabedoria, o outro é a paixão, o princípio de desejo da espécie humana, o instinto, a embriaguez, a vontade; aproxima as alegrias das sensações. Nietzsche não deixa claro, mas de alguma maneira sentia que nem mesmo os próprios gregos conseguiram expressar esse ideal trágico, que para ele é uma afirmação da vida, uma ideia de dizer Sim a ela independente de suas tristezas mais íntimas e seus mais dolorosos problemas. Nesse sentido, viver de forma afirmativa e alegre para o filósofo, é o mais verdadeiro sentido do dionisiaco. O que Eurípedes e Sócrates fizeram, foi o inverso, ao acabar com um dos impulsos, colocando no público o papel de interpretar a arte, se coloca contra um ideal dionisiaco, em que a música não pode ser escrava das palavras e nem arte escrava da razão. Eurípedes, poeta trágico, opta em acreditar em outro sábio, Sócrates, que inicia a exclusão da tragédia através de modelo dialético que substitui o instinto, fator importante para o dionisiaco, e adiciona o daimon, uma determinada força invisível que não deixava o ser se perder racionalmente e não se entregar aos desejos ou paixões. Nietzsche acredita que Sócrates, oculta os instintos em prol da razão e com essa postura, não só mata a tragédia, mas cria uma nova concepção de moral que dominou todo o Ocidente, até mesmo o cristianismo. Ao fazer essa crítica em relação a uma nova moral criada por Sócrates, o filósofo abre caminhos para criticar o próprio cristianismo, que se apropriou dos modelos socráticos. Para Nietzsche, Sócrates é o exemplo mais exato de decadência, no *O Crepúsculo dos ídolos*, afirma que, “Reconheci em Sócrates e em Platão sintomas da decadência”. Diferente do que acreditava Sócrates e a visão que tomou o Ocidente, o homem trágico é para Nietzsche, impetuoso, livre da concepção moderna que acreditara que o homem inclina sua felicidade ao conhecimento ilusório. Posterior ao O

Nascimento da Tragédia, Nietzsche acabou deixando de se preocupar com arte e passou a se preocupar com a moralidade, o problema em relação a Sócrates continua o mesmo, supervalorizar a razão é o principal problema socrático. Nesse sentido, ao recuperar o ideal grego sobre o trágico, apresenta os assassinos desse ideal trágico, mostrando que a cultura da modernidade está infectada por essa nova concepção moral e por esse motivo só a arte pode curar o que está há muito tempo enfermo.

Referências Bibliográficas

FRIEDRICH, Nietzsche. **O Nascimento da Tragédia**. Trad. J. Guinsburg. 2º ed São Paulo: Companhia das letras, 1992.

FRIEDRICH, Nietzsche. **O Crepúsculo dos Ídolos**. Trad. Edson Bini. 1º ed Curitiba – PR: Distribuidora e Editora S.A, 2001.

MACHADO, Roberto. **O Nascimento do Trágico. De Schiller a Nietzsche**. Trad. Roberto Machado. 1ºEd: Rio de Janeiro – RJ: Jorge Zahar Editor Ltda, 2006.

CRISTINA, Maria. **A Visão Dionisíaca Do Mundo e Outros Textos de Juventude**. Trad: Maria Cristina dos Santos de Souza e Marcos Sinésio Pereira Fernandes.

AZEREDO, Vânia Dutra de. **Nietzsche e a dissolução da moral**. São Paulo: Discurso Editorial e Editora UNIJUI, 2000.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.